**Liberdade**

**Big Data está vigiando você**

De início, o autor fala sobre o Liberalismo, e como são em diferentes setores. Por exemplo, na política o liberalismo acredita que o eleitor sabe o que é melhor. Por isso apoia eleições democráticas, na economia o liberalismo firma que o cliente sempre tem razão, no aspecto pessoal, o liberalismo incentiva as pessoas a se ouvirem, serem verdadeiras consigo mesmas e seguirem seu coração, desde que não infrinjam as liberdades dos outros.

Posteriormente, ele critica que o nosso sistema político é ruim, pois está relacionado aos sentimentos humanos, e não à racionalidade humana. E todos são influenciados por esse sentimento, desde eleitores até os líderes. Por exemplo, no Brexit, em 2016, a campanha a favor da saída da Grã-Bretanha da União Europeia, foi liderada por Boris Johnson e Michael Gove. Ele inicialmente, apoiou Johnson como candidato a primeiro-ministro, mas no último minuto declarou que Johnson não estava preparado para o cargo e anunciou a própria intenção de se candidatar. O mesmo, defendeu sua conduta apelando para os sentimentos: “Em cada passo de minha vida política eu me fazia a mesma pergunta: ‘Qual é a coisa certa a fazer? O que lhe diz seu coração?’”. E assim, foi obrigado a apunhalar pelas costas seu então aliado, porque seu coração lhe dissera que o fizesse.

E seguir o próprio coração pode acabar sendo prejudicial a democracia liberal. Pois se alguém adquirir capacidade tecnológica para hackear e manipular o coração humano, a política democrática vai se tornar um espetáculo de fantoches emocional

**Escute o algoritmo**

A crença liberal nos sentimentos e nas escolhas livres dos indivíduos não é natural. Durante milhares de anos as pessoas acreditaram que a autoridade provinha de leis divinas e não do coração humano, e que devíamos, portanto, santificar a palavra de Deus e não a liberdade humana.

Os sentimentos na verdade são cálculos bioquímicos, e não refletem nenhum tipo de “livre-arbítrio”. A fusão da biotecnologia e da tecnologia da informação, fará com que a autonomia dos humanos passe para os computadores, e isso pode acabar sendo ruim ou bom para os humanos. Por exemplo, as decisões médicas mais importantes de nossa vida não se baseiam na sensação de estarmos doentes ou saudáveis, nem mesmo nos diagnósticos informados de nosso médico, mas nos cálculos de computadores que entendem do nosso corpo muito melhor do que nós. Daqui a um tempo, com algoritmos de Big Data, será possível monitorar a nossa saúde 24 horas por dia, sete dias por semana. No entanto, sempre há algo de errado com o nosso corpo. No passado estávamos perfeitamente bem, porém, graças as tecnologias do futuro, como sensores e máquinas, nossas doenças poderão ser tratadas e diagnosticadas bem antes de causar dor ou debilidade. Como consequência, você sempre estará “doente”, e caso queira desafiar a tecnologia, todos ficarão sabendo, desde seus familiares, até seu chefe de emprego, o governo, serviços de saúde etc. Pois tudo vai estar interligado. O que você vai fazer, quando descobrir que terá que ficar internado se seu pulmão estiver ruim por conta do cigarro, ou se está com alguma doença incurável, seu gerente não gostará, e provavelmente será demitido, porque não vão querer um peso para empresa.

**Drama da tomada de decisão**

Com o crescimento dessa tecnologia (algoritmos e sensores biométricos), o que já está acontecendo na medicina, passará a ocorrer em outros campos. Por exemplo, monitorar comportamentos e influenciar as escolhas na vida, sejam elas, preferências pessoais ou até decisões importantes como carreira ou relacionamentos.

O autor fala que será possível saber se você é hétero ou homossexual, com sensores que medem a pressão arterial e uma câmera que mostra para onde você está vendo. Quando estiver navegando pela internet, assistindo vídeos no Youtube ou usando redes sociais (Instagram, Facebook etc.). Os algoritmos vão discretamente te monitorar, e com essa grande massa informações até Coca-Cola vai saber se ela deve colocar um anúncio com um homem ou uma mulher.

As empresas como Netflix, Amazon e outras plataformas, recomendarão apenas filmes do seu interesse, baseado no seu comportamento durante o filme, se você deu risadas sinceras, ou falsas, ou se você assistiu um filme completo ou pela metade. Entretanto, nem sempre os algoritmos irão acertar, eventualmente eles cometerão erros por falta de dados, falhas na programação etc. Mas eles só precisarão ser melhores que os humanos, uma coisa relativamente fácil, já que a maioria dos humanos não conhecem a si mesmo.

Os algoritmos podem cometer muitos erros, por conta disso, podemos concluir que as pessoas nunca confiarão neles. Contudo, não há uma opção melhor. Segundo Winston Churchill, a democracia é a pior política do mundo, com exceção de todos os outros, ou seja, todas são ruins, mas a democracia é a menos ruim. E isso é o que vai acontecer com os algoritmos de Big Data.

À medida que cientistas chegam a uma compreensão mais profunda de como humanos tomam decisões, a tentação de se basear em algoritmos provavelmente vai aumentar, podendo levar à diminuição da capacidade humana de tomar decisões independentes e ao aumento da dependência dessas tecnologias. Por exemplo, o Google Maps, onde as pessoas cada vez mais confiam em algoritmos, visto que ele sempre fornecerá a melhor rota.

Nós confiamos na Netflix, para escolher um filme, e o Google Maps, para uma saber onde e como chegar a tal lugar, com a melhor rota de todas. No entanto, se começássemos a usar a IA para decidir o que estudar, onde trabalhar e com quem se casar, a vida humana deixará de ser um drama de tomada de decisão.

À medida que os algoritmos se tornam mais poderosos, vemos o mundo como um fluxo de dados. E a cada dia que passa, nos tornamos pequenos chips dentro de um gigantesco sistema de processamento de dados, onde ninguém compreende afundo.

**O carro filosófico**  
  
Conseguimos ver a complexa questão da capacidade dos algoritmos de tomar decisões éticas, em contraste com a tendência humana de agir por emoção e instinto, muitas vezes causando danos a princípios éticos. O autor explora a ideia de que, embora os algoritmos não tenham emoções nem instintos como os humanos, eles podem ser programados para seguir diretrizes éticas de forma mais consistente e precisa do que os humanos.

Vimos o exemplo do carro autônomo que é apresentado para ilustrar esse ponto. Diante da escolha entre desviar para evitar atingir dois garotos à frente ou continuar na mesma trajetória e arriscar a vida dos garotos em favor da do dono do carro, o algoritmo do carro autônomo teria que tomar uma decisão baseada em cálculos frios de probabilidades. Enquanto os humanos tendem a agir impulsivamente em situações de crise, os algoritmos seguiriam as diretrizes éticas programadas, o que levanta a questão de como ensinar ética aos algoritmos de forma eficaz.

Além disso, o texto aborda o uso da inteligência artificial em processos de contratação, destacando que, embora os algoritmos possam ajudar a reduzir preconceitos e vieses humanos ao ignorar raça e gênero na avaliação de candidatos, há o risco de os engenheiros inserirem seus próprios vieses subconscientes na programação dos algoritmos. Isso ressalta a importância de uma programação cuidadosa e da correção de erros.

No entanto, o texto reconhece que os algoritmos filosóficos nunca serão perfeitos e erros ainda ocorrerão, o que pode resultar em consequências graves. Ainda assim, a sugestão é de que os algoritmos terão que ser melhores do que os humanos para assumir o papel de motoristas, por exemplo, considerando que os motoristas humanos matam mais de 1 milhão de pessoas em acidentes de trânsito a cada ano.

Então podemos dizer que o texto levanta a questão de como os algoritmos éticos podem ser implementados de forma eficaz em diversas situações, desde a direção de automóveis até processos de contratação, e sugere que, embora os algoritmos possam ser mais confiáveis que os humanos em seguir padrões éticos, ainda há desafios na implementação e correção de erros.

**Ditaduras digitais**

Nesse ponto do texto o autor nos alerta sobre os perigos das "ditaduras digitais", onde governos autoritários poderiam usar inteligência artificial (IA) e tecnologias de vigilância para exercer controle total sobre os cidadãos. Embora a obediência da IA possa ser vista como vantajosa em certos contextos, como garantir o cumprimento das regras de guerra, o texto adverte que essa mesma obediência poderia ser usada de maneira cruel por ditadores.

Um exemplo dado é o massacre de My Lai durante a Guerra do Vietnã, onde soldados americanos cometeram um crime de guerra motivados por emoções humanas. O texto sugere que robôs assassinos poderiam ter evitado o massacre, pois não são movidos por emoções.

Também é discutido o potencial da IA para a centralização do poder e da informação, destacando que sistemas centralizados poderiam se tornar mais eficientes do que sistemas difusos. Isso poderia ser perigoso em regimes autoritários, onde a concentração de poder poderia levar a um controle total sobre os cidadãos.

Resumindo, com a fusão da biotecnologia e da tecnologia da informação, regimes autoritários poderiam controlar não apenas as ações, mas também os sentimentos das pessoas. A democracia precisaria se reinventar para evitar o fortalecimento das ditaduras digitais, pois a IA poderia levar a uma situação em que as decisões políticas seriam formuladas principalmente pela IA refletindo mais a perspectiva da máquina do que a humana.

**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E ESTUPIDEZ NATURAL**

A relação entre inteligência artificial (IA) e consciência, destaca que a ficção científica frequentemente confunde os dois conceitos. Enquanto a inteligência refere-se à capacidade de resolver problemas, a consciência envolve a capacidade de sentir emoções. O texto argumenta que, embora a IA possa se tornar cada vez mais inteligente e seja utilizada para tomar decisões por nós, é improvável que desenvolva consciência.

Existem três possibilidades em relação a relação entre inteligência e consciência: 1) a consciência está ligada à bioquímica orgânica e nunca poderá ser criada em sistemas não orgânicos; 2) a consciência está ligada à inteligência e os computadores poderiam desenvolvê-la ao ultrapassar um certo limiar de inteligência; 3) não há ligação essencial entre consciência e bioquímica orgânica ou alta inteligência, e os computadores poderiam se tornar superinteligentes sem desenvolver consciência.

O texto adverte que, apesar do poder da IA, é importante continuar a desenvolver a consciência humana. Investir apenas na inteligência artificial poderia resultar em uma sociedade em que a sofisticada inteligência artificial serviria apenas para potencializar a estupidez natural dos humanos. O texto alerta que a IA poderia ser usada para manipular as emoções humanas e, se não formos cuidadosos, poderíamos acabar tendo humanos degradados fazendo mau uso de computadores sofisticados.

Além disso, o texto menciona que os algoritmos de Big Data poderiam extinguir a liberdade e criar a sociedade mais desigual que já existiu, concentrando toda a riqueza e poder nas mãos de uma pequena elite, enquanto a maioria das pessoas enfrentaria a irrelevância.